

ROTEIRO DE ATIVIDADES
1ºano do Ensino Médio - 4ºbimestre – 1º ciclo
Literatura: textos de informação e jesuítos/
poesia do Barroco e do Arcadismo

Texto Gerador 1

Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha

Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. (...)

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo. E digo quê:

(...) seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! (...)

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro (...). A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. (...)

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. (...) Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...)

Dos que ali andavam, muitos – quase a maior parte – traziam aqueles bicos de osso nos beiços.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tinta preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (...)

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui não de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. (...) E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. (...)

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela (na nova terra), ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados (...). Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. (...)

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

(CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El Rei D. Manuel. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. pp. 1, 2, 3, 7, 8, 9.)

Texto Gerador 2

Tratado da Terra do Brasil

Minha intenção não foi outra neste sumário (discreto e curioso leitor) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil, para que esta fama venha a notícia de muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhei-la para seu remédio; por que a mesma terra é tão natural e favorável aos estranhos que a todos agasalha e convida como remédio por pobres e desamparados que sejam. (...)

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode por o sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente. (...)

A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras — convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (...) Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quase são compridas feitas a maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente duma parte e doutra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto pela se servirem. Não há como digo

entre eles nenhum Rei, nem Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra cousa se não de ir com eles à guerra, e aconselhá-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobre eles cousa alguma contra sua vontade. Este principal tem três, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz dela mais caso que das outras. Isto tem por estado e por honra. Não adoram cousa alguma nem têm pela si que há na outra vida glória pelos bons, e pena pela os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas perecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

(GANDAVO, Pêro de Magalhães. Tratado da Terra do Brasil. Disponível em <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/379.pdf>. p. 2, 13.)

1) Leia o conceito abaixo:

Descrição é a representação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (...), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem, que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do quadro, que é a matéria da descrição. (GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 15. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 231.)

De acordo com o texto I, que registra a descrição do primeiro contato de Caminha e seus companheiros de viagem com a nova terra, identifique que aspectos dos habitantes da terra recém-descoberta foram destacados.

2) Que empecilho, apontado por Caminha, dificultava a evangelização dos índios? Comprove com um fragmento do texto I.

3) A carta é uma situação comunicativa em que os parceiros não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Dessa forma, em sua descrição, Caminha não só demonstra a hierarquia da tripulação ao rei como também revela aspectos da organização social portuguesa no contexto histórico das Grandes Navegações.

A partir da consideração acima, recupere no texto:

- a) um fragmento que comprove a submissão do escrivão Caminha ao rei D. Manuel.
- b) um fragmento comprovando que algumas ações indígenas representavam um choque cultural e, portanto, se afastavam da concepção portuguesa de civilização.

4) Em seu primeiro contato com os habitantes da nova terra, Caminha (texto I) descreve e interpreta os acenos feitos pelos índios, relacionando-os à possível existência de metais preciosos. O que essa descrição revela acerca das intenções do homem europeu com a descoberta de novas terras?

5) Em uma crônica de viagem, geralmente, encontramos diversas passagens dedicadas à descrição. Identifique na Carta de Caminha uma passagem que possua características nitidamente descritivas.

6) "A língua deste gentio toda pela Costa é, uma: carece de três letras — convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei". Nesse trecho, qual função da linguagem predomina?

7) No fragmento destacado na questão anterior, Gandavo, ao descrever a língua Tupi, relaciona a ausência de três letras – F, L e R – no alfabeto indígena a uma limitação sócio-cultural. Como essa descrição do idioma revela haver, para o autor, uma pretensa desorganização social dos índios?

8) Os textos I e II são concepções pessoais – de Caminha e Gandavo, respectivamente – que visam à descrição do Brasil. Transcreva um exemplo de cada texto em que predomina a função emotiva da linguagem.

Texto Gerador 3

Auto de São Lourenço

O Auto de São Lourenço é uma peça de teatro escrita, em 1586, pelo padre jesuíta José de Anchieta. Esse texto exemplifica um dos gêneros selecionados para o 4º bimestre: o teatro catequético. Na obra, Anchieta narra como o Anjo da Guarda, São Sebastião e São Lourenço expulsaram os diabos Guaixará, Aimbiré e Saravaia de uma aldeia indígena. Esse texto dramático é dividido em cinco atos. O fragmento abaixo constitui o início do segundo ato, que traz um diálogo entre os três diabos, os mártires padroeiros e o Anjo da guarda.

Segundo Ato

(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)

Guaixará

*Esta virtude estrangeira
Me irrita sobremaneira.
Quem a teria trazido,
com seus hábitos polidos
estragando a terra inteira?*

*Só eu
permaneço nesta aldeia
como chefe guardião.
Minha lei é a inspiração
que lhe dou, daqui vou longe
visitar outro torrão.*

*Quem é forte como eu?
Como eu, conceituado?
Sou diabo bem assado.
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.*

*Meu sistema é o bem viver.
Que não seja constrangido
o prazer, nem abolido.
Quero as tabas acender
com meu fogo preferido*

*Boa medida é beber
cauim até vomitar.
Isto é jeito de gozar
a vida, e se recomenda
a quem queira aproveitar.*

*A moçada beberrona
trago bem conceituada.
Valente é quem se embriaga
e todo o cauim entorna,
e à luta então se consagra.
Que bom costume é bailar!
Adornar-se, andar pintado,
tingir pernas, empenado
fumar e curandeirar,
andar de negro pintado.
Andar matando de fúria,
amancebar-se, comer
um ao outro, e ainda ser
espião, prender Tapuia,
desonesto a honra perder.*

*Para isso
com os índios convivi.
Vêm os tais padres agora
com regras fora de hora
prá que duvidem de mim.
Lei de Deus que não vigora.
Pois aqui
tem meu ajudante-mor,
diabo bem requeimado,
meu bom colaborador:
grande Aimberê, perversor
dos homens, regimentado.*

(Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios. Depois de chorar, achando-se enganada, diz a velha)

9) O *Auto de São Lourenço* foi escrito pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586 (final do século XVI). A peça pertence ao "teatro catequético", que constitui a origem mais remota do teatro brasileiro. Levando-se em consideração as marcas linguísticas desse texto e o seu contexto histórico e político, podemos afirmar que uma das características desse auto é:

- a) tipologia textual predominantemente narrativa que mostram a exaltação do colonizador frente à nova terra;
- b) o uso recorrente de adjetivos que assinalam admiração do autor perante o povo e a terra;
- c) texto de caráter pedagógico baseado em textos bíblicos, que visa à catequese do povo da nova terra;
- d) a veiculação da fé e dos mandamentos religiosos por meio da descrição das belezas naturais da terra.

10) Os diferentes textos que lemos e produzimos refletem nossa cultura, a maneira como captamos e interpretamos a realidade. Mas, os textos teatrais podem ser considerados "espelhos" mais claros de nossa dinâmica social: a partir de sua linguagem (personagens, figurinos, cenários etc.), eles nos ajudam a enxergar, mais diretamente, quem somos e, assim, a construir nossa identidade.

Desse modo, considere o fato de que, nas apresentações dos autos catequéticos, os índios assumiam tanto o papel de espectadores quanto o de atores e responda: a partir do Auto de São Lourenço, como os índios se reconheciam quanto aos seus costumes? e, em oposição, como, segundo esse texto moralizante, eles deveriam ser/viver?

11) A elaboração de uma peça de teatro envolve uma gama de traços particulares, tais como sonoplastia, figurino, objetos cênicos e caracterização dos personagens. Nesse contexto, temos a própria linguagem teatral que individualiza o gênero em questão por meio das apresentações das personagens, da rubrica do autor (comentários sinalizados para as personagens), do aparte (comentário da personagem diretamente com o público), da estruturação dos diálogos, além do imprescindível uso da linguagem não verbal, dentre outros. Observando a peça e levando em consideração as informações fornecidas, responda:

- a) Que traços de linguagem, característicos da linguagem teatral, podem ser identificados na obra em questão?
- b) Tente identificar os elementos ator, texto e espectador de forma a caracterizá-los a partir dos traços da linguagem teatral que você elencou na letra a.

12) O teatro é uma das artes cênicas mais antigas do mundo e, embora muitas vezes seja considerado um mero entretenimento, não há como se negar que tal arte possa exercer um papel social importante. Ao servir de espelho para o que ocorre na sociedade, por meio da recuperação de gestos, ideias, fatos e posicionamentos dos indivíduos na sociedade, o teatro pode não só conscientizar seu público acerca do que se passa como também pode influenciá-lo a refletir e possivelmente transformar o mundo que o cerca. Levando-se em conta o papel social que o teatro pode ter na sociedade, é possível afirmar que Anchieta tem algum propósito social na elaboração deste auto? Qual? Justifique com informações do texto.

Texto Complementar 1

Financial Times ironiza e sugere que Portugal vire colônia do Brasil

Coluna do jornal faz proposta provocativa para resolver a crise da dívida do país: o retorno da relação metrópole-colônia, mas com pólos invertidos
São Paulo - O jornal britânico Financial Times (FT) ironizou a situação da crise da dívida portuguesa e sugeriu que o país peça anexação à sua antiga colônia na América. A provocação foi feita na coluna "Lex", publicada nesta sexta-feira (25). Ocupando posições quase opostas economicamente – crescimento do lado brasileiro, fragilidade econômica crônica do lado de lá - os dois países já estariam vivendo uma inversão de papéis, e Portugal, combalido, poderia tirar vantagem de se anexar ao Brasil.

"A União Europeia considera Portugal problemático: sem governo, com alta resistência à austeridade e fraca performance econômica (o PIB estagnou na última década). As negociações são duras", diz o articulista. "Aqui está uma ideia inovadora para lidar com a situação: a anexação pelo Brasil", prossegue.

Segundo o jornal, ainda que o país europeu se ressinta da perda de status, não se pode dizer que ele tenha força para reclamar: representaria apenas 5% da população do Brasil e 10%

do PIB. O veículo prossegue elencando as virtudes brasileiras: crescimento do PIB de em média 4% ao ano na última década e presença no seletivo grupo dos BRICs, o centro emergente do poder mundial, "uma casa melhor do que a velha e cansada União Europeia".

Fonte: PORTUGAL, Mirela. Financial Times ironiza e sugere que Portugal vire colônia do Brasil. Disponível em www.exame.com. Acesso em: 08/09/2011.

13) Comparando os textos geradores I, II e III desta aula com o texto complementar acima, podemos concluir que:

- a) as riquezas e belezas naturais do Brasil conseguiram se perpetuar e, mais de quinhentos anos após a início da colonização, continuam sendo exploradas por Portugal;
- b) o Brasil continua dependente tanto econômica quanto culturalmente de países mais da União Europeia e dos Estados Unidos da América;
- c) com uma economia forte e reconhecida mundialmente, o Brasil assumiu uma posição de destaque diante de sua antiga metrópole, havendo uma inversão de poderes;
- d) Portugal apresenta-se hoje como a pior economia da União Europeia, precisando recorrer à sua antiga colônia, o Brasil, para se reestruturar economicamente.

14) Dentre as muitas formas de definir a literatura, podemos compreendê-la como a "arte da palavra", uma manifestação artística que, pelo trabalho com a linguagem verbal, permite-nos entender e (re)construir o real. A partir dessa concepção, compreendemos que, no Auto de São Lourenço, pelo uso que Anchieta faz da língua, a imagem de Guaixará é reconstruída. Se o nome se refere a um chefe indígena; no texto teatral, denomina a personagem caracterizada como "rei dos diabos". Nesse sentido, responda aos itens abaixo:

- a) O que podem representar, metaforicamente, os versos: "Quero as tabas acender / com meu fogo preferido"?
- b) De que maneira a caracterização de Guaixará demonstra como Anchieta entendia a cultura indígena e como ela representa uma estratégia de argumentação, utilizada na catequização dos índios?

15) Na questão anterior, vimos que, para a construção do texto poético, Anchieta utilizou diferentes recursos linguísticos, como as metáforas. No entanto, sabemos que essas estratégias não estão presentes apenas em textos literários; ao contrário, estruturam os mais variados gêneros textuais. Desse modo, respondendo aos itens que se seguem, você poderá observar alguns desses recursos e, posteriormente, melhor utilizá-los nos diferentes textos que produz em seu dia-a-dia.

- a) Na terceira estrofe do excerto, qual verbo aparece com maior recorrência? O que justificaria esse fato?
- b) Se também considerarmos as outras formas verbais que compõem o auto, qual tempo verbal se revela mais comum? Que efeito de sentido é gerado a partir dessa escolha linguística?

16) Nas primeiras questões deste Roteiro, analisamos a Carta de Achamento do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha e, assim, entendemos a estrutura desse gênero textual. Além disso, explorando as descrições da "nova terra" e da personagem Guaixará, identificamos alguns recursos linguísticos que estruturam textos descritivos, como o Tratado da Terra do Brasil e o Auto de São Lourenço.

Agora, chegou sua vez de escrever! Pense no seu bairro e nos costumes das pessoas que nele vivem e escreva uma carta ou um e-mail a um parente/amigo que não more em sua cidade.